

**Conto de Edônio Alves Nascimento \***

### **A primeira vez com uma mulher**

Até aquele momento eu só tinha feito aquilo com homens e talvez tivesse sido exatamente esse pormenor que me fizera ficar ali, até a alta madrugada, sentado na cama, com os olhos perdidos em algum obscuro ponto de mim mesmo, sentindo apenas o suave espanar daqueles fios de lembrança metaforizados numa mecha de cabelos que eu remexia entre os dedos, como a trazer, furtivamente, os deliciosos momentos vividos naquele extraordinário dia de minha existência.

Era aquela uma segunda-feira e de antemão eu só tinha a certeza de que esse era um dia de cinzas porque foram sempre para mim – os demais dias da semana –, uma espécie de crematório celeste onde eu procurava dissipar, sob o diáfano testemunho das nuvens, os meus verdes desenganos, as minhas vivas utopias, os meus sinceros intuitos; enfim, os meus mais inocentes propósitos.

É que há indivíduos que não foram feitos para este mundo e o primeiro sinal de que se está diante de um deles é não perceber-lhes, mesmo diante de espelhos, os seus semblantes distantes, suas estampas invisíveis, os seus gestos silenciosos, as suas virtudes perplexas e, até mesmo, as suas inferiores alegrias, que se manifestam, quase sempre, no fazer das coisas mais ordinárias, como o bolinar prazeroso dessa mecha de cabelos que se aninha entre os meus dedos.

Mas eu dizia que tinha sido numa segunda-feira, dia em que aqueles lugares normalmente nunca abrem, porque elas trabalham até altas horas da noite do sábado recebendo seus clientes e um dia de descanso na semana apenas não é suficiente, como me explicou uma senhora gorda, vizinha de um desses estabelecimentos a que eu me dirigia àquele dia, movido sei lá por que impulso difuso, sei lá que curioso intento.

Com os homens, sim, eu já tinha feito aquilo. E guardo desses momentos, sempre vividos no mais completo abandono de espírito, aquelas sensações fúteis e efêmeras que se esgotam no se vencer, sob o peremptório curso das horas, os caminhos curtos e oblongos das coisas decorridas. Com mulher, não. Eu nunca tinha experimentado.

Não que as mulheres me metessem medo, por causa do chamado senso prático com que guerreiramente elas enfrentam (e quando querem resolvem) mesmo as mais difíceis das demandas dos homens. Ou por causa de um certo traço de congênita misoginia que carrego comigo; coisas desse tipo, enfim, ou por isso mesmo, quem sabe.

De justificável e razoavelmente lógico eu sei apenas que sempre tinha feito aquilo com homens por ter sido iniciado no negócio (e aí uma cisma particular que não me explica certo pendor familiar para confiar algumas tarefas exclusivamente aos homens), como já disse, por, digamos, uma suave imposição da família.

A criação interiorana tem dessas coisas. O sujeito nasce, cresce, e só então se surpreende fazendo na vida adulta, estritamente conforme foi iniciado pelos pais, aquelas coisas que a sua fisiologia biológica o exige, seja a peculiar postura de mijar ondulando suavemente os joelhos, para contrastar a gravidade solene da postura ereta, detrás de um poste vulgar; seja para, escolhido o, ou melhor, escolhida a; melhor ainda, escolhidos os ou as... Ah, amigo, escolha você mesmo o gênero dessa entrelinha e sigamos adiante.

Cabe assinalar, desde já, no entanto, que nesse dia também houve pagamento, como sempre houvera com os homens, pois que ninguém é obrigado a trabalhar de graça mesmo que esse trabalho seja, para algumas pessoas dadas à gratuidade, a fonte do mais cintilante prazer.

Paguei.

Paguei e confesso que não houve neste gesto o acompanhamento da mais remota frustração. Muito pelo contrário. Enxerguei nele até um pouco de auto-afirmação, já que até onde alcança a minha memória sempre fora o meu pai que pagara, nas vezes ruidosas e sempre turbulentas da minha iniciação.

Lembro, a propósito, que turbulentos e custosos foram também os momentos de espera. Naquele dia éramos somente dois clientes e só havia uma mulher para atender,

somando-se a isso minha costumeira ansiedade e o meu inarredável temperamento inquieto que quase me fez desistir de tudo.

Mas tinha que ser naquele dia e me vem agora o cheiro estranho daquela substância lúbrica que a mulher passou nas mãos e mais agora os seus dedos deslizando sobre o lóbulo de minhas orelhas, roçando minha nuca, abarcando minha cabeça, eriçando todos aqueles pelinhos frágeis e quase-nada que nos cercam o pescoço.

Era uma sensação divina. Toda a fantasia de que sou feito voava nas nuvens, as minhas carências se multiplicavam e eu era agora vetor de uma força indescritível que me impulsionava simultaneamente para dentro e para fora de mim mesmo.

Silenciava absoluto até esse vago momento em que um pingo frio me tocou o rosto e ela perguntou o que houvera, se alguma coisa estava me incomodando e eu senti a sua mão trêmula sobre minhas têmporas e respondi tá tudo bem, não foi nada.

Com um gesto brando e maternal ela retomou o movimento cíclico e regular de quando tudo iniciara e que quase me fazia dormir, sonhando que já estava.

Os toques leves dos seus dedos sobre minha pele imantada de um curioso arrebatamento me fazia ver imagens remotas, quase vertigens, imagens da infância, que me levavam a um poço escuro de onde quase caindo dentro meu pai me puxava pelos cabelos e eu retornava a enxergar aquele lugar repleto de espelhos onde eu estava agora há quanto tempo não me lembro, tudo estava turvo, me lembro agora que uma mecha de cabelos eu sentia nas mãos e uma voz distante e agora mais perto, pertíssimo, lentamente veio vindo, veio vindo e súbito: pronto, terminou.

Paguei.

Me refiz do estado de torpor que usualmente me acomete quando da obrigação de cumprir certas tarefas imperativas e não deixei de sorver as delícias daquele momento sublime.

Sim, sublime sim, mil vezes sublime! Porque de repente me veio à mente aquelas mãos rudes de outrora. Aquelas mãos pesadas dos homens a quem meu pai confiava o corte dos meus cabelos. Nunca houve um sorriso neles como o que eu via agora no rosto gratificado daquela moça. Permitir deixar-me aparar os cabelos com mãos femininas foi uma prática que nunca mais abandonei desde aquele dia morno de segunda-feira, quando entrei num salão de beleza de ambiente misterioso, assim como também misterioso é esse meu velho hábito de debruçar-me sobre as coisas vividas, embora que compostas da mais fluida e insustentável leveza, tal essa mecha de cabelos que agora eu aperto entre os meus dedos.

**\*Edônio Alves do Nascimento** é jornalista, poeta, escritor e professor do Departamento de Comunicação da UFPB. Este conto integra o livro **A ferrugem e o mármore**.